

FIEA Federação das
Indústrias do Estado
de Alagoas

IEL Instituto
Euvaldo
Lodi

PANORAMA ECONÔMICO

Dados referentes ao mês de
Maio de 2026



Arrefecimento da atividade *produtiva*

Em maio, a economia brasileira perdeu fôlego em vários setores. A produção industrial recuou 0,2% em relação ao mês anterior, os serviços caíram 0,4% e o varejo ampliado diminuiu 0,2%. O varejo restrito ainda avançou, mas apenas 0,1%. Em conjunto, esses números mostram uma economia crescendo em ritmo mais lento, com menos impulso vindo da produção e do consumo¹.

A leitura do mercado é que isso não significa, porém, que o país tenha entrado em uma retração generalizada. A atividade ainda conta com o apoio do mercado de trabalho e dos estímulos fiscais e parafiscais. A projeção de crescimento do PIB em 2026 permanece pouco acima de 2,0%, mas esse avanço tende a conviver com diferenças importantes entre setores e com uma política monetária ainda restritiva.

Os juros elevados ajudam a explicar boa parte dessa perda de ritmo². Mesmo após a redução da Selic para 14,25% em junho, o crédito continua caro para famílias e empresas. Na prática, isso pesa sobre o consumo financiado, encarece o capital de giro e torna os projetos de investimento menos atraentes. A queda de 6,7% na produção de bens de capital, na comparação com maio de 2025, é um sinal claro dessa cautela.

O mercado de trabalho ainda funciona como uma espécie de amortecedor. A taxa de desemprego permaneceu em 5,5%, com ajuste sazonal, e a massa real de rendimentos cresceu 4,8% em relação ao ano anterior. Ao mesmo tempo, o rendimento médio caiu na margem e a participação da população no mercado de trabalho diminuiu. Isso ajuda a entender por que o consumo segue sustentado, mas sem força suficiente para puxar uma retomada mais ampla da produção³.

A perda de ritmo também foi desigual entre os setores. A indústria extrativa caiu 2,6%, enquanto a transformação cresceu apenas 0,1% no mês e recuou

[1] Agência de notícias ibge

[2] Agência de notícias ibge

[3] Agência de notícias ibge

na comparação anual. Nos serviços, transportes e atividades auxiliares tiveram desempenho fraco, especialmente o transporte aéreo. Informação e comunicação, por outro lado, continuou contribuindo positivamente. O quadro é de uma economia apoiada em poucos segmentos mais dinâmicos.

O cenário externo adicionou outra camada de incerteza. A perspectiva de juros mais altos nos Estados Unidos, o fortalecimento do dólar e a piora dos termos de troca podem pressionar o câmbio e elevar custos de produção. Quando esse ambiente se soma ao crédito caro e à demanda incerta, as empresas tendem a adiar investimentos, principalmente aqueles com retorno de longo prazo.

A política fiscal também atua em duas direções⁴. De um lado, transferências e programas públicos ajudam a sustentar a renda e a demanda no curto prazo. De outro, o aumento das despesas fora das regras fiscais e as dúvidas sobre a trajetória da dívida podem elevar o prêmio de risco e manter altos os juros de longo prazo. Assim, o estímulo imediato convive com maior incerteza sobre as condições de financiamento futuras.

Os indicadores de confiança refletem essa combinação. A confiança empre-

sarial agregada melhorou em junho, mas a percepção da indústria piorou em julho⁵. O ICEI caiu para 44,4 pontos, o menor nível desde junho de 2020. Isso mostra que, mesmo com alguns sinais positivos na economia, os empresários industriais ainda enxergam poucas razões para acelerar a produção e o investimento.

Em síntese, a economia brasileira atravessa uma fase de menor dinamismo produtivo, mas não de retração disseminada. O emprego e os estímulos públicos ainda sustentam a demanda, enquanto os juros elevados, o baixo investimento e a incerteza limitam uma recuperação mais ampla. A retomada dependerá principalmente da melhora das condições de crédito, da recuperação da confiança e de um ambiente mais favorável às decisões de investimento.



[4] Agencia de noticias ibge

[5] Agencia de noticias ibge

Desinflação em junho *surpreende mercado*

Em junho, a inflação apresentou sinais de alívio⁶. O IPCA avançou 0,16%, abaixo dos 0,31% esperados pelo mercado e dos 0,58% registrados em maio. Com esse resultado, a inflação acumulada em 12 meses recuou de 4,72% para 4,64%. A desaceleração foi favorecida pela queda de 0,24% nos preços de alimentação e bebidas, que ajudou a conter o índice. Em sentido contrário, o grupo habitação subiu 0,63%, pressionado principalmente pelo aumento da energia elétrica residencial.

Apesar da melhora do índice geral, a inflação de serviços permaneceu em 5,90% em 12 meses. Esse comportamento indica que o processo de desinflação ainda convive com pressões persistentes, sobretudo em segmentos mais ligados à renda, ao mercado de trabalho e à demanda doméstica.

Nesse contexto, o Copom⁷ avalia que o balanço de riscos segue assimétrico para cima. Entre os principais fatores estão a desancoragem das expectativas, a resistência da inflação de serviços, uma possível depreciação cambial e estímulos à demanda capazes de manter a atividade acima de sua capacidade. Também pesam as incertezas relacionadas aos conflitos no Oriente Médio, aos preços do petróleo e aos efeitos de eventos climáticos sobre alimentos e energia. Esses choques podem se espalhar para outros preços e ampliar a persistência inflacionária.

Os riscos de baixa, embora presentes, receberam menor peso. Uma desaceleração mais intensa da economia brasileira, um enfraquecimento maior da atividade global ou novas quedas nos preços das commodities poderiam reduzir as pressões sobre a inflação. A política monetária já tem produzido efeitos por meio da desaceleração do crédito e do menor dinamismo dos setores mais sensíveis às condições financeiras. Ainda assim, o mercado de trabalho aquecido, o avanço dos rendimentos acima da produtividade e os estímulos fiscais continuam sustentando a demanda.

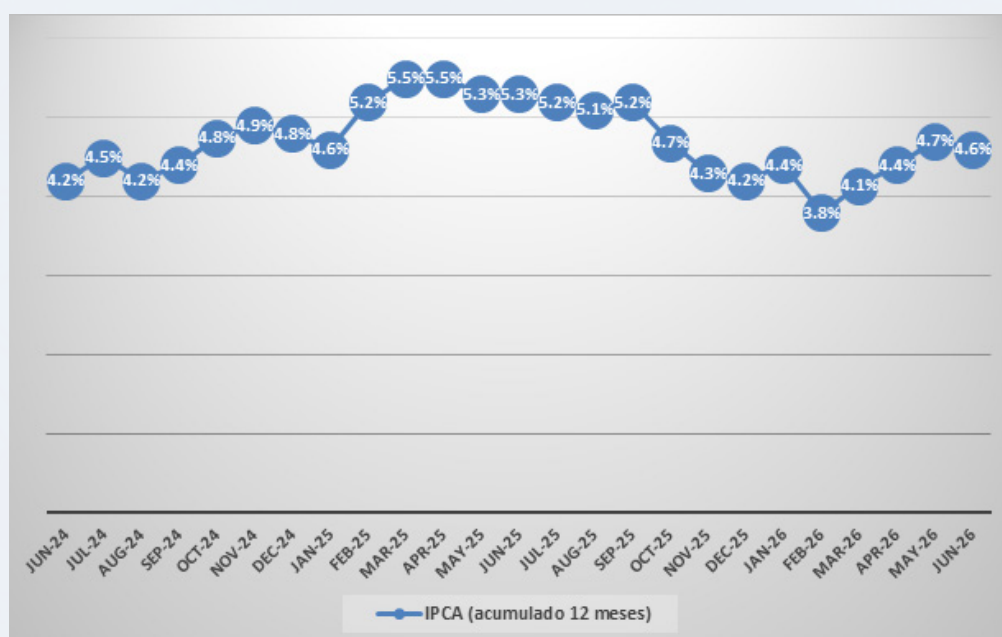
[6] Agência de notícias ibge

[7] Agência de notícias ibge

Diante desse quadro, o Banco Central tende a conduzir a Selic com cautela e forte dependência dos dados. O cenário ainda admite reduções pontuais, mas também amplia a possibilidade de pausas ou cortes menores. Mesmo com eventual flexibilização, a taxa de juros deve permanecer em terreno contracionista por um período prolongado, enquanto o Copom acompanha a inflação de serviços, as expectativas, a política fiscal, o mercado de trabalho e o ambiente externo.

O ranking de juros reais de junho⁸, mesmo com cortes de 25 ou 50 pontos-base, o Brasil permanece na primeira posição entre os países analisados, com taxa real ex ante estimada entre 9,36% e 9,67%; na hipótese de manutenção da Selic, ela alcançaria 10,09%. Esse nível de restrição tende a manter o crédito caro, reduzir o consumo de bens financiados e adiar investimentos, sobretudo em setores intensivos em capital e entre empresas menores, mais dependentes do financiamento bancário. Embora os juros elevados possam oferecer algum suporte ao câmbio e à desinflação, sua permanência prolongada amplia o risco de desaceleração da produção, menor formação de capital e perda de dinamismo do emprego nos próximos meses.

Gráfico nº 1 - IPCA (acumulado 12 meses) - junho/24 a junho/26



Fonte: IBGE

Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial,
Inovação e Pesquisa - IEL/AL

[8] Agencia de noticias ibge

A produção industrial brasileira

Em maio de 2026

Em maio de 2026, a indústria brasileira recuou 0,2% frente a abril, com ajuste sazonal, sinalizando o retorno à trajetória de desaceleração e semiestagnação observada após as altas do início do ano. Apesar do resultado mensal negativo, concentrado sobretudo nos bens de consumo semi e não duráveis (-1,3%), na indústria extrativa (-2,6%) e nos derivados de petróleo e biocombustíveis (-6,1%), o setor acumulou crescimento de 1,4% entre janeiro e maio, evidenciando alguma resiliência diante dos juros elevados. Contudo, o desempenho foi bastante desigual: a expansão esteve sustentada principalmente pela indústria extrativa (+7,9%) e por atividades associadas ao petróleo, enquanto a indústria de transformação permaneceu praticamente estagnada (+0,2%). Os segmentos mais sensíveis ao crédito apresentaram maior fragilidade, especialmente bens de capital (-6,2%) e bens de consumo duráveis (+0,6%), refletindo o elevado endividamento empresarial, o aumento dos custos financeiros e a compressão das margens de lucro.⁹



Indicadores Conjunturais da *Economia brasileira*

Tabela nº 1 - Variação da Produção Industrial - Abril 2026 (%)

	No mês (com ajuste sazonal)	Mesmo mês ano anterior	No ano	Doze meses
Indústria Geral	-0,2	0,2	1,4	0,4
Bens de capital	-0,2	-6,7	-6,2	-4,8
Bens intermediários	-0,4	1,4	2,1	1,4
Bens de consumo	-0,5	-0,7	1,4	-0,8
Bens de consumo duráveis	3,6	1,5	0,6	-1,0
Semiduráveis e não duráveis	-1,3	-1,1	1,5	-0,8
Extrativa Mineral	-2,6	3,1	7,9	6,8
Transformação	0,1	-0,3	0,2	-0,7

Fonte: IBGE

Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial,
Inovação e Pesquisa - IEL/AL

Tabela nº 2 - Índices de preços

Índice de Preço (%)	2025							2026					
	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
IGP-DI	-1,80	-0,07	0,20	0,36	-0,03	0,01	0,10	0,20	-0,84	1,14	2,41	0,87	-0,79
INCC-DI	0,69	0,91	0,52	0,17	0,30	0,27	0,21	0,72	0,28	0,54	1,00	0,88	0,78
IGP-M	-1,67	-0,77	0,36	0,42	-0,36	0,27	-0,01	0,41	-0,73	0,52	2,73	0,84	-0,50
IPC-M	0,22	0,27	-0,07	0,25	0,16	0,25	0,24	0,51	0,30	0,30	0,90	0,61	0,47
IPA-M	-2,53	-1,29	0,43	0,49	-0,59	0,27	-0,12	0,34	-1,18	0,61	3,49	0,91	-0,97
INCC-M	0,96	0,91	0,70	0,21	0,21	0,28	0,21	0,63	0,34	0,36	1,04	0,77	0,85
IPC-FIPE	-0,08	0,28	0,04	0,65	0,27	0,20	0,32	0,21	0,25	0,59	0,40	0,45	0,18
INPC	0,23	0,21	-0,21	0,52	0,03	0,03	0,21	0,39	0,56	0,91	0,81	0,65	0,14
IPCA	0,24	0,26	-0,11	0,48	0,09	0,18	0,33	0,33	0,70	0,88	0,67	0,58	0,16

Fontes: Ipeadata e Bacen

Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial,
Inovação e Pesquisa - IEL/AL

[Série do IPCA no Ipeadata](#); [Série do IGP-M no Ipeadata](#); [Carta de Conjuntura / Indicadores Ipea](#); [Sistema Gerenciador de Séries Temporais \(SGS - Banco Central\)](#); [Informativo de Inflação do Ministério da Fazenda / Bacen](#); [Conjuntura econômica](#).

Tabela nº 3 - Indicadores de Confiança I

	Indicadores de Confiança I		
	Indicadores do Cenário Externo		
	Taxa de Juros Títulos do Tesouro Americano 10 anos	Preço do Petróleo (Brent) em US\$	Ouro - Nova York (Fixing) em US\$
jun/25	4,37	68,61	3.400,00
jul/25	4,24	65,60	3.392,00
ago/25	4,07	66,86	3.711,00
set/25	3,99	61,81	4.351,00
out/25	4,08	63,64	4.052,00
nov/25	4,13	59,43	4.417,00
dez/25	4,22	65,60	4.786,00
jan/26	4,04	72,46	5.063,00
fev/26	4,18	101,73	4.992,00
mar/26	4,31	102,57	4.581,00
abr/26	4,61	108,99	4.542,00
mai/26	4,45	80,32	4.325,00
jun/26	4,50	81,19	3.958,00

Fonte: Banco Central do Brasil (BCB) /FED

Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial, Inovação e Pesquisa - IEL/AL

Tabela nº 4 - Indicadores de Confiança II

Meses	Indicadores de Confiança II						
	Taxa de Câmbio	Swap de 1 ano	Inflação esperada nos próximos 12 meses	Taxa de Juros	IPCA nos últimos	Taxa de Juros	Taxa Real
	Fim de Período R\$/US\$ - Vendas			Real Ex-Ant	doze Meses	Selic (% a.a)	Esperada Selic
			Mediana				(a.a)
jun/25	5,46	14,69	5,10	9,12	5,35	14,90	9,07
jul/25	5,60	14,76	4,31	10,02	5,23	14,90	9,19
ago/25	5,43	14,36	4,18	9,77	5,13	14,90	9,29
set/25	5,32	14,34	4,44	9,48	5,17	14,90	9,25
out/25	5,38	14,09	4,09	9,61	4,68	14,90	9,76
nov/25	5,33	13,75	4,00	9,38	4,46	14,90	9,99
dez/25	5,50	13,83	4,00	9,45	4,26	14,90	10,21
jan/26	5,23	13,39	3,90	9,13	4,44	14,90	10,02
fev/26	5,15	13,13	4,00	8,78	3,81	14,90	10,68
mar/26	5,22	13,99	4,09	9,51	4,14	14,65	10,09
abr/26	4,99	14,04	3,96	9,70	4,39	14,40	9,59
mai/26	5,06	14,03	4,05	9,59	4,72	14,40	9,24
jun/26	5,18	14,01	4,19	9,43	4,64	14,15	9,09

Fonte: Banco Central do Brasil (BCB).

Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial, Inovação e Pesquisa - IEL/AL

ELABORAÇÃO
GERÊNCIA DE GESTÃO EMPRESARIAL, PESQUISA
E INOVAÇÃO - FIEA/IEL

GERENTE
ELIANA MARIA DE OLIVEIRA SÁ

ESTAGIÁRIOS

JULIAN PEDRO MOISÉS DA SILVA
KARINE FERREIRA DOS SANTOS
MARIA LUIZA LEAL DA SILVA
MURILO BARROS MOREIRA BAHIA

ANALISTA
MORGANA MARIA MACHADO MOURA
CONSULTORA
DÉBORA JUSTINO DOS SANTOS
AUTOR
REYNALDO RUBEM FERREIRA JÚNIOR
DIAGRAMAÇÃO
EMILLY KAROLLINY CARDOZO DA FONSECA

INSTITUTO EUVALDO LODI - IEL

DIRETOR REGIONAL
JOSÉ CARLOS LYRA DE ANDRADE

SUPERINTENDENTE
HELVIO BRAGA VILAS BOAS

GERENTE DE DESENV. EMPRESARIAL, INOVAÇÃO E PESQUISA
ELIANA MARIA DE OLIVEIRA SÁ

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE ALAGOAS - FIEA

PRESIDENTE
JOSÉ CARLOS LYRA DE ANDRADE

1º VICE PRESIDENTE
JOSÉ DA SILVA NOGUEIRA FILHO

DIRETOR EXECUTIVO
WALTER LUIZ JUCA SÁ

GERENTE UNITEC
HELVIO BRAGA VILAS BOAS